

Patrimônio Industrial Moderno Campinense: Uma Análise da Fábrica Besa S/A

Lucas de Souza Jales

Alcília Afonso de Albuquerque e Melo

INTRODUÇÃO

1.1 O objeto de estudo

O artigo tem como objeto de estudo a edificação da antiga fábrica da BESA S/A (Fábrica de Borracha Esponjosa S/A), localizada no Distrito Industrial de Campina Grande (PB), que teve sua construção no contexto de expansão do Distrito Industrial de Campina Grande, promovido através de incentivos fiscais da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste), através do governo federal nos anos 60 do século XX (Figura 1). Dessa forma, em 1967, aprovou-se o plano de instalação da fábrica, com inauguração em 1969, e em 1971 foi liberado um empréstimo para expansão da sua linha de produção. Em 1985, o complexo industrial foi vendido a SALP – São Paulo Alpargatas, no qual funciona como parte do complexo industrial da mesma, até os dias atuais



Figura 1. Imagem aérea do complexo industrial da Fábrica Besa S/A. Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande (2011).

O objetivo desse texto é analisar a edificação arquitetonicamente, de acordo com a metodologia proposta por AFONSO (2019), no qual se propõe a análise do objeto arquitetônico através de suas sete dimensões: normativa, histórica, espacial, tectônica, formal, funcional e da conservação. O trabalho faz parte de pesquisas realizadas pelo Grupo de pesquisas Arquitetura e Lugar da UFCG.

1.2 Problematização

Qual seria a problemática dessa antiga fábrica e que nos faz trazer à tona, nesse evento a sua apresentação, enquanto objeto arquitetônico moderno industrial e uma discussão sobre a necessidade de ser preservada?

As fábricas da modernidade nordestina vêm sendo estudadas por Afonso (2019) em várias pesquisas que têm denotado o valor arquitetônico dos projetos e obras que apresentavam em suas propostas projetuais, soluções tectônicas, espaciais, funcionais, formais, que denotam a atenção dada pelos profissionais que desenvolviam os projetos arquitetônicos delas.

Como foi tratada tal ampliação em relação ao projeto original? Preservou as soluções iniciais da edificação? A mudança de proprietário e sua ampliação vem mantendo a história arquitetônica da edificação? São algumas questões das quais o texto tratará à continuação.

1.3 Aporte Teórico

Esclarece-se aqui, de forma sucinta que o texto se apoia em um referencial teórico que está presente nos princípios da Carta de Nizhny Tagil (2003, s/p), que coloca que *"as transformações causadas pela revolução industrial na humanidade, evidencia o significado dos vestígios da cultura industrial no seu entorno, sendo de grande importância sua preservação para gerações futuras"*.

As contribuições presentes nos anais das Jornadas europeias de patrimônio industrial que são organizadas anualmente por Miguel Alvarez na cidade de Gijón, Astúrias, possuem uma relevância na pesquisa que vem sendo desenvolvida sobre a Fábrica, pois traz estudos correlatos mundiais de distintas realidades que nos orientam no caminho a ser trilhado nos estudos.

Kuhl (2006) é outra referência quanto às discussões sobre patrimônio industrial, esclarecendo que a questão preservacionista do patrimônio industrial brasileiro ainda é recente, e muitas vezes por questões de pressão econômica, os conjuntos fabris dão lugar a novos equipamentos urbanos, são reutilizados, e a maior parte das vezes, sem levar em consideração o valor patrimonial daquele determinado bem.

Em nível regional, Afonso (2019) através de seu grupo de pesquisas vem estudando o acervo moderno industrial do nordeste brasileiro (Afonso, 2018), especificamente os estados de Pernambuco e da Paraíba, investigando sobre exemplares importantes, gerando resultados publicados em periódicos (Afonso, 2018) e anais de evento (Rodrigues e Ferreira, 2017).

Como bibliografia de apoio à pesquisa, foram utilizadas as dissertações de Fernandes (2011) e Souza (2016), onde se realizaram levantamentos e estudos de contexto histórico do desenvolvimento industrial campinense entre as décadas de 1960 e 1980.

Um outro aporte local, que enfoca o estado da Paraíba, especificamente, é o Cadastro Industrial da FIEP/ Federação das Indústrias do Estado da Paraíba) publicado nos anos de 1969 e 1985, onde se foram encontradas informações mais detalhadas de registro e documentação da empresa. Em estudo.

2 METODOLOGIA

A metodologia de análise utilizada foi baseada na proposta de Afonso (2019), onde se analisa o objeto arquitetônico através de sete dimensões, sendo elas – Normativa, Histórica, Espacial, Tectônica, Funcional, Formal e de Conservação. Nesse contexto, a própria edificação é vista como fonte primária de coleta de informações, e assim possui valores culturais, históricos, construtivos, arquitetônicos, espaciais, formais e funcionais.

A primeira dimensão de análise é a normativa, na qual analisa as legislações e normas legais incidentes na edificação no que se refere a sua conservação, índices e inserção no zoneamento urbano. Em seguida, a dimensão histórica que analisa o contexto histórico de origem e construção da edificação, englobando aspectos políticos, econômicos e sociais da época. A terceira dimensão, a espacial, divide-se na análise do espaço externo, que engloba desde sua implantação no espaço urbano até a locação do edifício no terreno; e a análise do espaço interno, compreendendo as divisões dos ambientes em planta e sua configuração.

Em seguida, a dimensão tectônica, onde se analisa com base em Frampton (1995) os aspectos materiais, estruturais e construtivos como um todo, observando concomitantemente as peles de fechamento, cobertura, revestimentos e detalhes construtivos. Já a dimensão funcional, diz respeito aos usos da edificação, promovendo uma comparação do uso original em relação ao que atualmente é realizado.

Na dimensão formal a análise é baseada dentro do conceito da forma pertinente, tratado por Mahfuz (2004), onde a forma da edificação / a forma pertinente- é resultante das relações entre o lugar, programa, construção e estruturas formais. Por último, a dimensão da conservação, que analisa o estado físico da obra na atualidade e como ele está sendo mantido, no qual é feito a partir das fichas de danos e observações *in loco*.

RESULTADOS

2.1 Dimensão Normativa

Com relação à questão normativa, a planta fabril da Besa S/A está inserida na zona de qualificação urbana de acordo com o Plano Diretor de Campina Grande / PMCG (2006), no qual é permitida a intensificação de uso do solo devido à sua boa consolidação. Mais especificamente, de acordo com o mesmo documento, a inserção está na Zona Especial de Interesse Industrial, no qual engloba todo o distrito industrial ao sul da cidade, e onde objetiva adequar as infraestruturas urbanas ao uso industrial local.

Referente à proteção patrimonial, a Fábrica infelizmente, não está protegida como bem de interesse histórico. Nesse caso, a responsabilidade pela documentação e tombamento é do IPHAEP (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba), no entanto, em Campina Grande a única zona especial de interesse histórico consolidada é no bairro do Centro, estando o distrito industrial local a margem tanto da delimitação física, quanto das discussões preservacionistas do instituto.

2.2 Dimensão Histórica

A industrialização campinense tem sua origem no início do século XX, com a consolidação do beneficiamento da cultura algodoeira. Com o seu desenvolvimento, acaba por gerar um perfil de atividade industrial na cidade, que é abarcado a partir do final dos anos 1950 pela SUDENE, com incentivos do governo federal, segundo Souza (2016). Assim, surge o plano para construção e instalação da Fábrica Besa S/A em 1967, no qual era responsável pela fabricação de calçados, sandálias e placas emborrachadas da marca Dupé.

Inaugurada em 1969, e marcante pela grande geração de empregos tanto para Campina Grande, quanto para cidades vizinhas, a fábrica teve seu plano expansão aprovado em 1972. Disponível em seus balanços aos acionistas no ano de 1971, que disponibilizava informações financeiras desde o período da construção, demonstrava seu sucesso econômico. Chegado o ano de 1985, depois de quase 20 anos de atuação e diferente de boa parte do distrito industrial, que teve muitas declarações de falência, a Besa foi adquirida pela SALP – São Paulo Alpargatas, no qual atua até os dias atuais no mesmo edifício.

2.3 Dimensão Espacial

A edificação da antiga fábrica localiza-se a margem oeste da BR-104, próxima ao contorno viário da Alça Sudoeste, e na área destinada a instalação do distrito industrial de Campina Grande e hoje faz parte do grande conjunto arquitetônico que compõe o Complexo da empresa Alpargatas (figura 2). O terreno no qual foi construída é marcado pela topografia irregular, além da grande presença de vegetação rasteira típica do bioma da Caatinga brasileira.

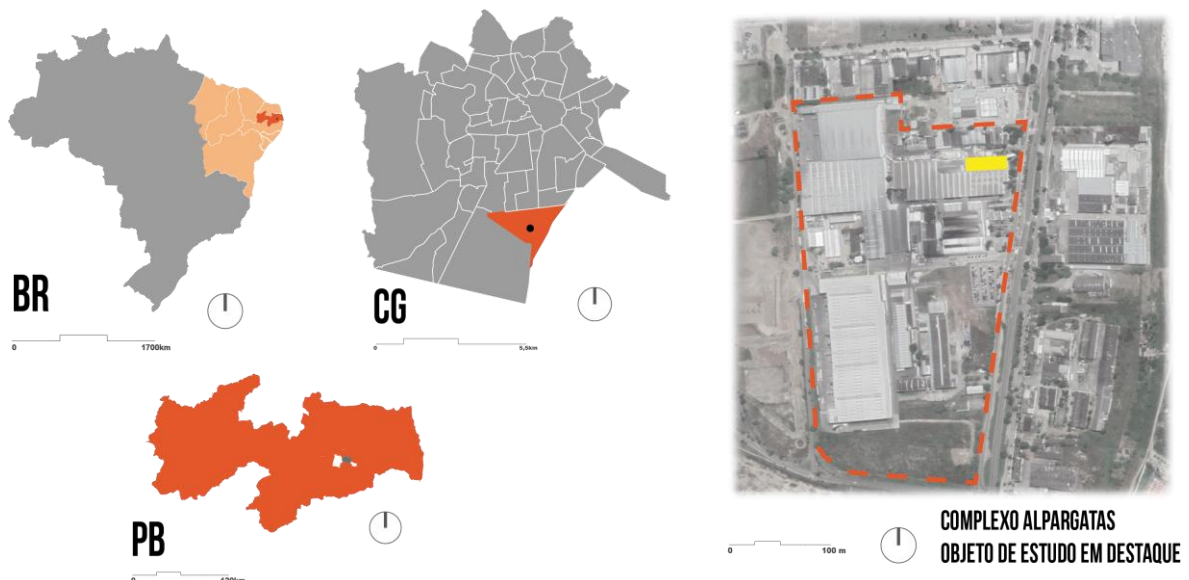


Figura 2. Macrolocalização da Besa S/A. Fonte: Lucas Jales (2020).

A análise dessa dimensão limitar-se-á a analisar o bloco principal, que foi projetado nos anos 60. Internamente, o espaço apresenta grandes vãos e planta livre, comuns à tipologia industrial, além

de possuir bem delimitado uma setorização de serviços e administração. Longitudinalmente, a edificação é dividida por 8 vãos, modulados em 4,80 metros, e transversalmente por 6 vãos, modulados em 3,45 metros (figura 3).

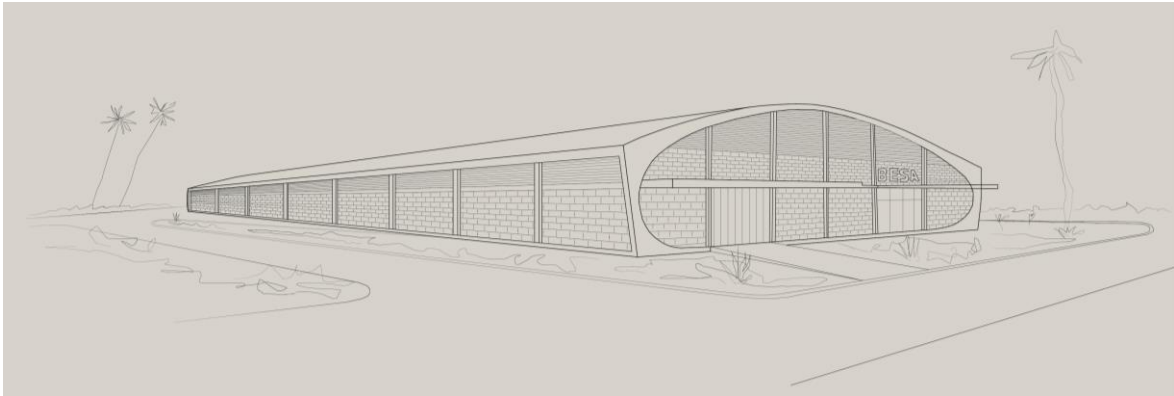


Figura 3. Perspectiva da indústria Besa S/A. Fonte: Vitória Catarine (2019).

A fábrica possui cinco acessos, sendo dois principais na fachada frontal, dois secundários na fachada posterior e um lateral. Já o setor de serviços está dividido em banheiros, vestiários, lavanderia, café, arquivo e oficina. Dentro do vão livre da fábrica (figura 4) há a inserção dos espaços de depósito e laboratórios, estrategicamente posicionados próximos à área da linha de produção. Anexo ao setor de serviços, há o setor administrativo, que por sua vez subdivide-se em escritório, sala da diretoria e arquivo.



Figura 4. Planta Baixa da indústria Besa S/A. Fonte: Vitória Catarine (2019).

2.4 Dimensão Tectônica

A compreensão da dimensão tectônica passa pela definição de FRAMPTON (1995), onde a cita como a "arte da construção", no qual a arquitetura se expressa e representa. O galpão principal da fábrica foi construído com uma estrutura modulada no sistema de concreto armado com armação de aço. Com relação ao bloco principal, aqui analisado- as suas peles de fechamento e

vedação são feitas em blocos de tijolos cerâmicos em todas as fachadas, até altura de três metros. Após essa altura, para promover ventilação e iluminação natural, os fechamentos seguem o uso de cobogós pré-moldados em concreto. É também interessante notar os posicionamentos das calhas laterais no corte AA (Figura 5), onde se sobressalta dos alinhamentos da fachada laterais. Isso promove além do recolhimento das águas pluviais, uma proteção extra de sombreamento e evita a qualquer possibilidade de escoamento de água para os ambientes internos.

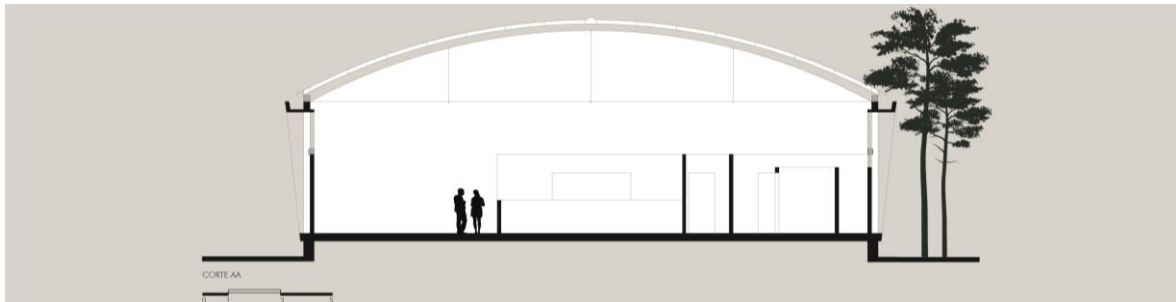


Figura 5. Corte AA da indústria Besa S/A. Fonte: Vitória Catarine (2019).

2.5 Dimensão Formal

Com projeto arquitetônico do arquiteto Juvenal Júnior, registrado no CREA – PB, a edificação tem uma marcante fachada com laterais e cobertura frontais arredondadas, além de possuir laterais ligeiramente inclinadas. Sua implantação é formalmente longitudinal e alongada, marcante nos edifícios de uso fabril. O edifício é marcado pelo formato em meia-lua de sua coberta, onde sua moldura desce em fechamento de semicírculos nas laterais da fachada frontal, conferindo uma identidade única à construção.

Pode-se ver também que, seguindo preceitos da forma moderna, o arquiteto marcou visualmente e externamente a modulação estrutural, e utilizou uma marquise em concreto armado na fachada frontal, além da já citada setorização funcional internamente (figura 6). A geometrização também está presente nas arestas laterais frontais e posteriores, onde se destaca pela sua inclinação, onde busca-se alinhar com as calhas, logo acima. Destaca-se também a monumentalidade do conjunto pela sua escala de tamanho, na qual destaca-se no espaço urbano.

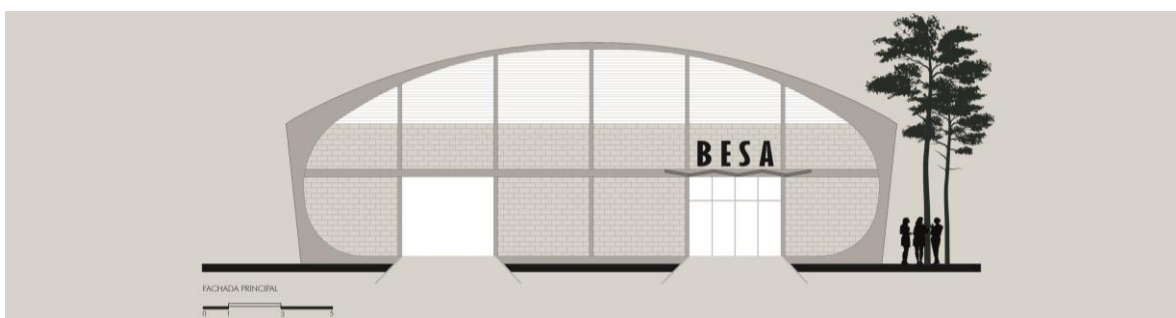


Figura 6. Fachada Frontal da indústria Besa S/A. Fonte: Vitória Catarine (2019).

2.6 Dimensão Funcional

De grande destaque como polo calçadista, Campina Grande tem como um dos principais exemplos nesse setor, o complexo industrial da Alpargatas, no qual a antiga Besa foi incorporada em 1985. Assim, pode-se constatar que os usos e funções atribuídas à edificação da indústria Besa, originalmente responsável por abrigar a confecção de calçados e derivados emborrachados, tem função semelhante até os dias atuais. Assim, destaca-se apenas a mudança quanto ao uso da antiga área administrativa, no qual foi transferida para novos anexos, ficando a sua antiga localização incorporada à atual linha de produção. Entretanto, devido ao próprio crescimento da demanda e tamanho do complexo industrial, as edificações foram bastante modificadas.

3 CONCLUSÕES FINAIS: DIMENSÃO DA CONSERVAÇÃO

A última dimensão de análise é o do estado conservação atual, onde pode-se concluir a respeito da atual realidade do edifício. Assim, constata-se que o complexo original como um todo, foi bastante modificado, de forma que os edifícios secundários foram totalmente descaracterizados e parcialmente demolidos, para dar lugar aos novos galpões da Alpargatas.

Já a edificação principal da antiga Besa ainda possui uma boa integridade física, sendo possível destacar a sua composição original, conforme pode ser constatado na figura 7. Em relação ao edifício principal, há modificações relacionadas à pintura da parede de tijolos, antes vermelhos, agora brancos. Também houve a instalação de um sistema de ventilação mecânica, que se destaca na cobertura, além de encanamentos e escadas para incêndio. No entanto, o maior destaque negativo quanto à conservação é a respeito da construção de um galpão lateral, anexo ao antigo edifício de forma que cobriu toda fachada lateral direita.



Figura 7. Fachada Frontal da indústria Besa S/A, atual Alpargatas. Fonte: Ítala Bezerra (2020).

Pode-se constatar que as intervenções e modificações feitas se mostram inadequadas do ponto de vista patrimonial, no qual se devem respeitar os princípios pregados por Brandi (2004), de ser

flexível silenciosa e respeitosa com a construção original. Infelizmente, muito reflexo da não integração entre as gestões da esfera pública municipal e estadual, o patrimônio histórico campinense sofre pressões e ameaças quanto à sua preservação.

Ainda recente na discussão preservacionista, o acervo industrial brasileiro, e em especial caso os exemplares modernos, ainda necessitam de aprofundamento em seus estudos e registros, de forma a reforçar sua importância perante o público. Mais essencial ainda em Campina Grande, por seu passado e presente marcado pelo desenvolvimento da indústria e seus setores adjacentes, a preservação torna-se de grande importância histórica para as futuras gerações.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Alcilia. A. **Tectônica do patrimônio industrial moderno: Fábrica da Bombril Nordeste, em Abreu e Lima [PE]**. Labor & Engenharia, v. 12, p. 378-391, 2018.

AFONSO, Alcilia. **Fábrica Wallig do Nordeste S.A.** Labor & Engenharia, v. 13, p. e019011, 2019.

AFONSO, Alcilia. **As indústrias da modernidade vinculadas à construção civil em Campina Grande. 1968/1971**. In: XXI Jornadas europeias de patrimônio industrial. Gijón. XXI Jornadas europeias de patrimônio industrial. Gijón: INCUNA, 2019.

AFONSO, Alcilia. **Notas sobre métodos para a pesquisa arquitetônica patrimonial**. Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente, v. 4, p. 54-70, 2019.

AFONSO, Alcilia. **O trabalho do grupo de pesquisa arquitetura e lugar: Resgate da documentação da arquitetura moderna no agreste paraibano. Campina Grande. 1950-1980**. Belo Horizonte. 6º seminário ibero-americano arquitetura e documentação. Belo Horizonte: UFMG, 2019.

BRANDI, C. Teoria da Restauração. Tradução de Beatriz Mugayar Kühl. Cotia - Ateliê Editorial, Coleção Artes & Ofícios, 2008

Carta de Nizhny Tagil Sobre o Patrimônio Industrial. **The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage (TICCIH)**. Nizhny Tagil, 2003.

FERNANDES, Silvana Torquato et al. **Uma outra representação da modernização em Campina Grande: a cidade nas páginas do Diário da Borborema (1960/1980)**. Campina Grande, 2011. Dissertação de Mestrado em História – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, 2011.

FRAMPTON, Kenneth. **Studies in tectonics culture**. Cambridge. Massachussets. The MIT Press.1995.

GOMES, Clovis A.; FALCÃO, José Otto M.; FALCÃO, Carlos M.; MELO, José Eduardo C. **Encarte BESA**. Campina Grande: BESA, 1972. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2011/02/especial-besa-borracha-esponjosasa.html#.X5H1clhKiW8>. Acesso em: Novembro 2020.

KÜHL, Beatriz. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização. Problemas teóricos de restauro**. Cotia, Ateliê / FAPESP, 2009.

LEITE, Julia **Patrimônio Industrial Palimpsesto Projeto de Intervenção Fábrica Wallig Nordeste S.A. Campina Grande - PB.** Campina Grande, 2020. Trabalho de Conclusão de Curso em Arquitetura e Urbanismo - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Campina Grande, 2020.

MAHFUZ, Edson. **Reflexões sobre a construção da forma pertinente.** *Arquitextos*, São Paulo, ano 04, n. 045.02, Vitruvius, fev. 2004. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.045/606>. Acesso em 19/nov/2020.

RODRIGUES, Roberta; FERREIRA, Yuri. **Borracha Esponjosa S.A. Indústria e Comércio (BESA): Resgate das fontes documentais do patrimônio industrial da BESA em Campina Grande.** Belo Horizonte: IV Seminário Internacional da Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa: A Língua que Habitamos, 2017.

SOUZA, Danilo Rodrigues et al. **O ideário de industrialização e desenvolvimentismo nas representações do Diário da Borborema (1957-1979).** Campina Grande, 2016. Dissertação de Mestrado em História – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, 2016.